

Carta do Mês: Escritos de São Gaspar Bertoni, fundador dos Estigmatinos

MÊS: Agosto
ANO: 1990
Nº: 01

Prezados Confrades,

Estamos iniciando o envio de um boletim mensal com o título de “CARTA DO MÊS”. Trata-se de escritos do nosso Fundador, São Gaspar Bertoni.

Já temos várias publicações traduzidas sobre a vida e espiritualidade do Fundador. Dos seus escritos só temos traduzido o seu MEMORIAL PRIVADO.

Agora queremos apresentar às comunidades as cartas que ele escreveu e que estão no livro “EPISTOLÁRIO” elaborado pelo Pe. Giuseppe Stofella e traduzido pelo Pe. Benedito A. Bettini. Este é um verdadeiro tesouro de espiritualidade e que ajuda no conhecimento e aprofundamento da espiritualidade estigmatina.

Este boletim deverá ser lido em comum e comentado na hora da leitura espiritual.

Espero que este esforço tenha os seus efeitos e nos faça sempre melhores seguidos deste santo religioso e sacerdote, São Gaspar Bertoni.

Pe. Mauro Montagnoli, Superior Provincial.

CARTA Nº 06 A LEOPOLDINA NAUDET

O primeiro parágrafo pode dar uma idéia da cuidadosa colaboração do Servo de Deus à obra da Naudet, mediante revisões, trabalhos seus próprios e aplicações de santas Missas.

“As da França” mencionadas no mesmo parágrafo são as “Damas do Sagrado Coração” de S. Madalena Sofia Barat.

A carta, pois, entra “ex abrupto” (de repente) no âmago da doutrina espiritual: graça santificante, estado sobrenatural, virtudes teologais, princípio de S. Tomás sobre o crescimento da virtude, Providência materna de Deus.



“Minha Senhora,

Verei de muito boa vontade os papéis firmados; aliás, queria pedir-lhe que mos enviasse na minha outra carta. Será bom, e para glória de Deus adaptar também as fórmulas. Se para tanto lhe ocorre alguma tradução, não espero senão um aviso. Quando a Senhora começar este trabalho, eu novamente começarei as Missas, já que este trabalho é importantíssimo. É preciso preparar e ordenas todas as coisas com toda diligência, e lembrar-se das palavras de S. Paulo: “A caridade de Cristo nos compele” (2Cor 5,14). Lembrei-me também que devo agradecê-la de uma outra coisa: a novidade sobre as da França (1); coisas muito consoladoras. No entanto estamos estudando a língua e parece que o Senhor tenha pressa (2).

Convém conhecer o dom admirável da graça divina, que nos elevou além da nossa natureza, e, nos fez participar da natureza do próprio Deus. Colocou-nos nesta ordem

sobrenatural e divina, segundo a qual nós devemos agir com nosso espírito: para ver sempre, como um gravíssimo prejuízo, a queda, ainda que por pouco, desta sublimíssima ordem, e voltar ao nosso modo natural de pensar e agir (3).

As virtudes teologais, ou seja, divinas, são justamente desta ordem: e, portanto o cuidado, a solícitude, o zelo de S. Inácio para que jamais cessassem os atos destas virtudes, e os hábitos não diminuíssem. E como estas virtudes se referem a Deus para conhecê-Lo – como a Fé –, para apoiar-se Nele – como a Esperança –, para aderir a Ele – como a caridade –: quanto menos nós pensarmos, ou nos apoiarmos, ou nos detivermos nas criaturas, tanto mais estas belas virtudes se fortalecerão e aumentarão.

Aqui é cabível a doutrina do Angélico, que para (fazer) crescer o hábito de uma virtude, é necessário que os atos que dela se formam, sejam mais intensos, que não é em proporção o mesmo hábito. Daí se tira uma sempre mais assas, fina e delicada exigência para conservar e aumentar estas virtudes teológicas, dom excelso e sobrenatural de Deus, com que nos comunicamos íntima e familiarmente com Sua divina Majestade.

Admirável, porém, é a piedade e bondade Dele, que, se nos vê por humana fraqueza vacilar em tal altura e quase recair em nossa natural baixeza, coloca, como uma mãe amorosa, a mão debaixo de seus filhos, e, - como diz a Escritura: “o sustenta pela mão” (Sl 36,24) – a fim de que não se machuquem, e Ele, ao mesmo tempo, com suavidade e força, possa reerguê-los. Exclamemos, pois com o Salmista: “Mas para mim a felicidade é me aproximar de Deus, é colocar minha confiança no Senhor Deus” (Sl 72, 28).

À Senhora tenho a honra de oferecer, com profundo respeito, a declaração humilde da minha devoção disponível e servidão para glória do Senhor.

De Verona, 11 de dezembro de 1812.

*Humílimo Devotíssimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote.”*



(1) – Estas DAMAS em 1801 tinham aberto em Amiens uma Casa filial das DAMAS DA FÉ ou DILETAS DE JESUS de Roma, onde Leopoldina Naudet era Superiora. Mas o ramo de Amiens, separado do centro, havia contudo evitado de ser envolvido nos acontecimentos do Instituto romano que se dissolveu. Por isso é natural que Leopoldina gostasse de manter contatos com o incólume Instituto francês.

(2) – A língua italiana, em vista do apostolado em terra italiana.

(3) – Cfr. “Memorial Privado” do Ven. Servo de Deus do dia 15 de julho de 1809: “Agir obedecendo à natureza, ainda que por momentos, seria impedir a obra de Deus, para dar vez às criaturas. Vida do Pe. Surin L. 2, c. 14”.

CARTA Nº 2 A LEOPOLDINA NAUDET

Esta carta forma quase uma só coisa com a seguinte pela ocasião em que foi escrita e pela identidade de argumentos e comentários. O Servo de Deus foi removido do Retiro Canossa e transferido de modo estável e com notável acréscimo de obrigações para a direção espiritual no Seminário Diocesano: isto é, como ele mesmo disse, para a “direção espiritual dos Seminaristas e dos Sacerdotes lá recolhidos para correção”. O fato aqui coincide com uma enérgica iniciativa do Bispo D. Lirutti, tomada para restabelecer ao mesmo tempo a disciplina e os estudos dos seminaristas, e a dignidade comprometida do clero.

Exposta simplesmente a conversa com a qual o Bispo impôs-lhe que se liberasse do Retiro Canossa e a nomeação ao novo cargo, Pe. Gaspar acrescenta um comentário todo marcado pelo mais tranqüilo abandono ao beneplácito divino e uma profunda humildade; como também por um zelo desinteressado pela maior glória de Deus e pela salvação das almas. Propondo todavia não tirar da “grande obra do serviço divino”, e aquela “parte secreta da glória de Deus” que é a preparação do Instituto idealizado pela Naudet, a sua colaboração pessoal de estudo, de conselho, quando necessário, de trabalho, mas sobretudo de oração com celebrações de santas Missas.



“Minha Senhora,

Incluo-lhe a última folha: parece-me a mais interessante devido à ordem e a prática. Fala-se nela dos “Tuoni”; mas não sei o que significam, nem me arrisquei até agora perguntar; espero a oportunidade para fazê-lo sem que me deixe discernir muito.

Esta manhã, fui cumprimentar o Sr. Bispo, que me manifestou sua vontade de servir-se de minha miserável pessoa. Sua preocupação é o Seminário, onde quer que eu assumo a direção espiritual dos seminaristas e dos sacerdotes lá confinados para correção, e além da meditação da manhã, quer que nas festas eu acrescente a doutrina depois do almoço. Por tudo isso me ocupando todas as horas disponíveis no seminário, e mostrando desejo de que eu morasse lá, impôs licenciar-me de São José e notificar a Senhora Marquesa em seu nome, neste caso, de um lado a máxima de que convém preferir o bem comum de toda diocese ao bem particular de um lugar; e de outro que tem para esse lugar, um substituto em Pe. Farinatti, uma pessoa, da qual ele, pela estima que tem da virtude e do caráter desse sacerdote, assegura dever também a Sra. Marquesa ficar satisfeita e contente para o futuro. Acrescenta ainda para uma outra coisa: quer fazer-me ou chamar-me Vice-Reitor do Seminário; o que eu procurei renunciar e continuarei a fazê-lo como se fosse alheio à minha vocação (1).

Expus-lhe assim com simplicidade e sem preâmbulos, sem reflexões, a vontade dos meus superiores, porque conheço muito as virtudes e o eminente espírito que Deus lhe deu. Se eu devesse refletir, onde não devo nem quero, deveria somente lamentar-se da minha perda de tão claro exemplo de virtude, e de úteis preceitos e máximas de perfeição que aí tinha diante

dos olhos e nos ouvidos, podendo eu confessar, para a glória de Deus, ter sido para mim até agora o retiro de São José um meio efficacíssimo de salvação, do qual, porém – eu direi com maior verdade – não aproveitei muito. Daí justamente, o Senhor privar-me dele.

Quanto às suas santíssimas intenções e intuitos eu não duvido que serão sempre conduzidas pela Divina Providência, embora por meio ocultos, ao fim e ao termo desejado, sendo também conforme o beneplácito divino. De fato é de fé que “todas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8,28). E talvez Deus tire da sua obra um grande estorvo e impedimento, que é na verdade o grande pecador que escreve estas coisas e raciocina, de quem é muito bom que ninguém ao menos se recorde, senão para alcançar-lhe do Senhor misericórdia pelo passado e para o futuro.

Mas, torno a dizer, eu não devo nem quero refletir, onde me convém totalmente dizer com todo o afeto: “Seja feita a vossa vontade” (Mt 6,10). “Como os olhos dos servos estão fixos nas mãos dos seus senhores” (Sl 122,2). E, como para servir a Sua divina majestade vim a S. José, assim, com a mesma vontade, saio para servi-Lo. Tenho um grande consolo no Pe. Farinatti, pelo que seguramente ele lhe trará no Senhor, como ainda pelas grandes comodidades e vantagens que a senhora poderá colher da sua disposição – como espero com grande confiança – para a maior glória de Deus.

E, talvez, para a grande obra de Deus, isto certamente é o mais conveniente. E poderemos, talvez, trabalhar a quatro mãos no lugar de duas (2); já que nem o pensamento, nem o estudo desta parte secreta (3) da glória de Deus, ninguém me tirou, nem, espero, serei impedido de procurar, e de levar adiante, com todas as minhas débeis forças, - quaisquer que sejam – o cumprimento. E daí, com os santos sacrifícios – que merecem mais confiança que o trabalho das minhas mãos – e ainda com meus estudos e minhas palavras, e com tudo o que posso e poderei no Senhor, ofereço-me agora e sempre ao seu dispor e das suas santas companheiras, cheio de estima, de reconhecimento e de veneração.

Aos 25 de novembro de 1812.

*Humílimo, devotíssimo, obrigadíssimo servidor
G. B. indigno sacerdote.*



(1) – Pensaria aqui o servo de Deus no seu futuro Instituto? Pode ser. Mas também na incompatibilidade do que se pedia: Padre Espiritual e ao mesmo tempo Vice-Reitor!

(2) – Isto é, Pe. Farinatti e ele mesmo.

(3) – Já que naquele tempo o trabalho de preparação de um Instituto religioso devia por necessidade permanecer o mais oculto possível.

CARTA Nº 07 A LEOPOLDINA NAUDET

Pe. Gaspar recebeu os “papéis”. Satisfará suas obrigações começando logo a celebração das santas Missas. Ajunta também uma palavra sobre a própria volta, de quando em quando, ao Retiro Canossa. Volta admitida como princípio, mas ainda não bem definida. Porém o servo de Deus se mantém sempre apoiado na prática do Santo Abandono. A esta prática e à função purificadora do sofrimento se resume todo o ensinamento que segue. É um vasto comentário de um trecho do “Giornale” da Naudet, datado de 10 de dezembro de 1812. Eis o trecho: “Esta manhã, tive por um momento um pensamento que uma pessoa à qual o Senhor deu o cuidado e empenho pela Obra que me colocou nas mãos, e que me era de grande auxílio, agora não tema mais este (empenho), estando ocupado em outras coisas. Mas o Senhor me fez a graça de superar o desprazer que este pensamento me dava, refletindo que Ele havia dado àquela pessoa tal cuidado e empenho; pois, vindo Dele devia estar sossegada. Pensei ainda que esta (pessoa) estando ocupada em coisas de relevo para a glória de Deus, devia alegrar-me com isso, discordando de mim mesma... Procurei entrar nestes sentimentos, e que superassem a miséria que ainda sentia”. Bem entendido, “a pessoa” é Pe. Gaspar Bertoni.



“Minha Senhora,

Agradeço-a pelas cartas que me foram entregues pelo Pe. Farinatti, e com prazer as examinarei. Quanto à Provincial (1), restituo-lhe para suas reflexões o modesto título de Vigária, se o achesse a propósito; caso contrário, parece-me que os nomes pouco valem, quando se tem responsabilidade do dever; antes parece-me que não se devesse perder muito tempo com eles, podendo também deixá-los de lado, ao menos por algum tempo.

Quanto às fórmulas, ocorreu-me sugerir-lhe, em relação à promessa o modelo daquele voto que fizeram lá em Paris, de irem juntos à Terra Santa (2). É verdade, o caso é um pouco diferente. No entanto começarei logo as Missas; a Senhora ordene algumas orações; e o Senhor, na sua bondade, iluminará um trabalho que é todo Seu. Deus seja louvado pelas boas notícias da França (3). Eu tenho grande confiança que o Senhor, um dia, “reunirá os dispersos de Israel” (4). Depois de uma grande tempestade virá uma bonança permanente.

Não tenho nenhum aviso da minha volta a S. José. Quanto a mim, a Senhora sabe que estou à disposição depois das palavras do Bispo. Espero que o Senhor fará que se acerte com o Vigário. Tudo o que Deus faz é sempre o melhor. Ó mãos sapientíssimas, quanto mais ocultamente trabalham! Confiemos sempre Nele, que jamais sermos confundidos.

Quanto às coisas que o Senhor a fez conhecer na oração em relação ao sofrimento, eu simplesmente lhe farei conhecer um sentimento meu. Quando eu estava muito mal, e, depois quando vieram as outras proibições, parecia-me que o Senhor servia-se de mim, como para um

jogo de sua amorosa Providência, para exercitar a Senhora, o que então ocupou-me e me fez muito contente, não podendo jamais tomar parte no desprazer da Senhora, por motivo do prazer que me parecia conhecer na sua divina Majestade, e da maior utilidade que havia para a senhora mesma. Siga, pois, a Senhora o Espírito do Senhor, como está fazendo. “Eu mesmo mostrarei quanto lhe será preciso sofrer por causa do meu nome” (At 9,16). Coragem, coragem! Esta é a melhor porção que Deus reserva para seus queridos, e não é bocado para todos.

Reconheço as puras intenções da Senhora acerca da glória divina; mas, saiba justamente porque são puras, do que jamais pude duvidar, por Deus as quer purificar ainda mais. Este é o tempo. “Que o justo pratique ainda mais a justiça e que o santo continue a santificar-se” (Ap 22,11). A nossa alma é pura, diz S. Tomás, quando é desapegada das coisas terrenas, que lhe são inferiores (5); isto, por graça do Senhor, antes era também da Senhora, e eu não podia deixar de notar; mas a própria alma torna-se depois mais pura, quanto mais se aproxima das coisas do alto, isto é quanto mais se une a Deus. Isto é o que resta à Senhora, até uma perfeita transformação de glória na vida feliz, à qual, por misericórdia do Senhor, cada dia vamos nos avizinhandos com alegria do nosso coração.

Perdoe-me a Senhora minha tolice, e recomendando-me às suas orações, declaro-me com profunda estima.

De casa, aos 14 de dezembro de 1812.

*Humílimo, Devotíssimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote.”*



(1) – Isto é quanto ao título de “Provincial” que L. Naudet encontrava nas suas fontes e não julgava oportuno para si. Pe. Gaspar lhe dá o título de “Vigária”.

(2) – O sujeito é S. Inácio e seus primeiros companheiros. Em Paris, em Monmartre, no dia da Assunção de 1534, “todos, um depois do outro, em voz alta se comprometeram com Deus com votos de pobreza e castidade perpétua, de ir à Terra Santa” etc., ficando “acordado de esperar um ano em Veneza”. Se nesse meio tempo não houvesse “passagem para a Palestina” se apresentariam “aos pés do Sumo Pontífice com oferecimento absoluto de ir em auxílio das almas onde melhor” lhe agradasse. Bertoli, Vita di S. Ignazio, 1. III, cc. 5,6.

(3) – Boas notícias sobre o desenvolvimento das Damas do Sagrado Coração.

(4) – Isto é que os Institutos da França e da Itália se reuniram um dia. O texto é do Salmo 116,2.

(5) – Summa contra Gentiles L. III, c. 27, Amplius 2.

MÊS: Novembro
ANO: 1990
Nº: 04

CARTA Nº 19 A LEOPOLDINA NAUDET

Esta carta sem data parece colocar-se dentro da 2ª. Semana de fevereiro de 1813. Pe. Gaspar estivera em São José na quinta-feira, dia 4. Aqui, dia mais dia menos, podemos estar no dia 11. O Servo de Deus se diz “recuperado em parte” dos seus conhecidos distúrbios.

Notamos a grande importância do segundo parágrafo, e deixamos o restante para as notas.



“Minha Senhora,

Nada me impede de ir esta semana a S. José; mas como sabia, pelas suas cartas, que a Senhora tinha muita ocupação nesta semana, pensei em adiar a minha ida para a próxima. Agora, porém, que de um lado sei que a Senhora espera a Dama (1), de outro tem compromissos, deixo a escolha em suas mãos, vendo somente seus negócios e não a mim, que, graças ao Senhor, já estou recuperado em parte, e, hoje mesmo, fiz um longo passeio.

Pouquíssimos são os que entendem o que Deus faria com eles, se não fosse por eles impedidos nos seus desígnios (2). Isto é verdadeiro, não somente nas pessoas, mas também no total da sociedade. Especial diligência deve haver da nossa parte, para fazer tudo o que não impeça a Deus de fazer quanto pode e quer fazer da sua parte. “Vi vossas obras e enchi-me de temor” (3), dizia Davi. Nós veríamos também, se caminhássemos com diligência, fazendo também os outros caminharem em conjunto, obras tão magníficas da mão onipotente de Deus, que ficaríamos não só admirados, mas fora de nós, oprimidos pelo espanto e pela força da admiração. “Quão grande é Senhor, vossa bondade, que reservastes para os que vos temem!” (Sl 30,20).

O amor a Jesus Nosso Senhor seja o estímulo que nos anime sempre e nos apresse. “O amor de Cristo nos impele” (2Cor 5,14); já que Ele corre, e vem ao nosso encontro com grandes passadas. “Eis que venho em breve. Vem, Senhor Jesus: e o espírito e a esposa dizem: Vem! Possa aquele que me ouviu dizer também: Vem!” (Ap 22, 12-20-17).

Nosso Senhor deu uma lição muito dura e forte à senhora Gertrudes (4), daí eu espero que desta vez, tendo-a sentido, tirará proveito, e o Senhor, por sua bondade, cuidará dela, já que tudo está em sua mão.

Agradeço-lhe a caridade de suas orações por mim; tenho grande necessidade por causa de um grave incômodo (5). Mas para o Senhor tudo é nada, se nós rezamos e temos grande confiança. Não é, porém, como da outra vez, nem daquele tipo.

Recomendo-me muito à Senhora, e me ofereço

Devotíssimo Humílimo Servidor

G. B. Indigno Sacerdote.”“.



- (1) – A Marquesa Madalena di Canossa.
- (2) – É um dos pontos essenciais do ensinamento espiritual do Vem. Gaspar. Veio-lhe de S. Inácio: Bartolli, L. IV, C. 37: "Pouquíssimos são os que compreendem o quanto Deus faria deles, se se colocassem totalmente em suas mãos e se deixassem trabalhar pela sua graça", etc., etc. O Venerável tende a sintetizar a doutrina do seu grande mestre, mas dá ao seu pensamento um desenvolvimento pessoal seu, pedindo para todos uma plena correspondência, impulsionada pelo amor, para concluir logo em uma fervorosa elevação.
- (3) – Liturgia da Sexta-feira Santa. São palavras do C. III de Habacuc pela versão dos Setenta.
- (4) – Gertrudes Vichi (v. cartas 13 e 16).
- (5) – Nem mesmo sabemos de que incômodo se trate. Mas o Ven. Gaspar também ciente de uma recente experiência (v. carta 17) não se deixa desconsolar.

CARTA Nº 38 A LEOPOLDINA NAUDET

O motivo desta é uma prática que Leopoldina pretende começar para procurar uma casa adaptada ao seu Instituto, entre os conventos e lugares pios já desapropriados pelo poder civil. Assim começa por pedir licença preliminar à Autoridade Eclesiástica. Pe. Gaspar por sua vez aproveita a ocasião para desenvolver máximas, que lhe são caras, de prudência sobrenatural e de total abandono aos desígnios e ao trabalho da Providência divina. Bonita alusão que ele faz pelo exemplo da S. Igreja.



“Estimadíssima Senhora,

Parece-me que basta pedir licença para a Casa simplesmente, sem expor os detalhes (1).

Assim deve proceder a coisa segundo a ordem que acena S. Gregório, dando um passo onde se vê claro, esperando fazer o segundo devagar, conforme a claridade avança (2).

A esperança que o Senhor dá, o atestado de sua caridade, em suma e divina consolação, se ainda estamos no escuro sobre os pontos do nosso agir, nos mantém firmes esperando o momento da luz para nos pormos em ação; se estamos no claro, nos anima à execução.

Esta parece a prática de sua Esposa, a Igreja, firme na divina promessa da assistência do Espírito Santo, não cessa de procurar luz para agir, ou em defesa da verdade a Ele confiada, ou da disciplina. E quando vê claro, não deixa de agir e de estudar e de consultar, para proceder além na luz e na ação.

E nestas duas maneiras é sempre uniforme seu abandono em Deus. Este, se não me engano, é o perfeito modelo do nosso abandono no Senhor. Bela virtude é lançar-se nos braços onipotentes da divina Providência, quando não podemos agir; mas mais perfeita e consumada virtude, quando nós, porém, podemos e devemos – segundo a ordem colocada pela Providência – agir em nossas mãos, não cessar jamais de ser igual e totalmente abandonados às suas.

Parece que assim fosse quem dizia: “Eu vivo (e por consequência ajo), mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim (e por consequência age)” (Gl 2,20). E “se alguém fala, faça-o como se pronunciasse oráculos de Deus” (1Pd 4,11).

Perdoe-me, Senhora, por caridade, e corrija, onde houver necessidade a minha temeridade de falar coisas de que estou muito distante, e reze para que eu chegue lá.

Se lhe ocorrer dificuldade sobre os estudos, escreva, e eu procurarei por escrito a resposta.

De casa, 26 de outubro de 1813.

*Humílimo Devotíssimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote*



(1) – Isto é, detalhes do futuro Instituto.

(2) – Citação livre do “In primum Librum Regum” que – como sabemos – se encontra no apêndice da “Opera omnia” de S. Gregório Magno. Pode ser resultado destes textos: “Diante Dele (Cristo) caminha quem... querendo dar certos no que faz, interiormente olha para o Cristo que (já) traz no fundo do coração pelo pensamento”: L. II, C. III, 24; em conexão com estas duas notas marginais que encontramos no C. IV, n. 62: a) “O Pastor sai de dentro do silêncio da meditação passa ao exterior nas obras; b) Não saia fora antes que clareie”.

CARTA Nº 48 A LEOPOLDINA NAUDET

É sem data e sem assinatura. Pe. Gaspar ainda convalescente, não recomeçou a celebração da S. Missa. Recebeu de L. Naudet as “regras adaptadas” que podem muito bem ser o primeiro fruto do trabalho anunciado na carta de 4 de junho. Do seu retiro forçado ele se vale para prosseguir as traduções das Regras da Companhia de Jesus. Aqui dá a entender que sábado – 11 de junho – dificilmente poderá celebrar; numa carta de 11 de junho anuncia a celebração para o domingo 12. Nós colocamos esta carta entre 06 e 08 inclusive. Precioso é o desenvolvimento que se lê do texto Paulino: “Basta-te a minha graça, etc.”.



“Minha Senhora,

Li com muito prazer as regras adaptadas (1), e, parece-me muito oportunamente. As reflexões a propósito das construções são justíssimas. Anotei, porém, pela liberdade que me é concedida, poucas coisas, que conversarei com a Senhora, levando comigo ainda seus papéis na próxima semana.

Agrada-me também com grande consolação que sábado a Senhora esteja no caso de resolver a (situação) das estudantes, que me parece muito fácil de acomodar. Procure não estar impedida de resolver sábado este agrado do seu Senhor, porque, verdadeiramente agrada-me muito, mas ao Senhor agrada infinitamente mais, quando vê, devagarinho, ir sendo disposta a empresa para sua glória (2). Quem tem tempo não espere tempo; porque, na verdade, quando for tempo de executar, não haverá mais tempo para acomodar.

No entanto anexo a primeira folha das regras comuns dos professores das escolas inferiores, que me parecem excelentes, e a Senhora as encontrará talvez muito oportunas, principalmente quando lhe proporcionar as aulas repletas, não tanto de noviças, mas ainda de alunas, ou seja, educandas (3).

Sábado procurarei por todos os meios, com o divino auxílio, rezar para que Sua divina Majestade, mas a Senhora peça que me faça digno, e que o possa fazer no Altar, como desejo fazê-lo, para ter maior confiança que minhas orações não sejam repelidas por causa da minha indignidade pessoal.

Eu responderei à Senhora com palavras de S. Paulo (4), antes com as de Cristo Nosso Senhor ao próprio S. Paulo: “Basta-te a minha graça (para qualquer trabalho, para esperar qualquer coisa e mesmo cumpri-la) pois é na fraqueza que a força se manifesta todo o seu poder”. Respondia o Apóstolo: Pois “com todo o ânimo prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas (que antes me assustavam) para que pouse sobre mim a força de Cristo” (2Cor 12,9). “Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (Idem, 10).

Antes que o Senhor eleve muito uma alma, é conveniente que ele a abaixe outro tanto, porque Deus não é menos sábio arquiteto do que qualquer mestre de obras, que sabe dever

cavar os alicerces, tanto quanto quer elevar a construção. Peçamos ao Senhor que cresça em nós a sua luz, daí conhecendo mais a nossa miséria, cheguemos até o fundo, antes do abismo. Então um abismo chamará outro abismo, correspondendo o fundo à altura do edifício que Nosso Senhor mostrou em projeto – como uma vez a Moisés – também à Senhora sobre o monte (5). E por isso o faz cavar antes mais fundo, a fim de que a Senhora conheça a razão do divino esperar e não se perturbe, nem se admire como se faz com as coisas que não se vê, ou se desespera de ver, a razão, ou a causa.

Eis justificada a sabedoria de Deus até mesmo pelas nossas pequenas mentes. Mas quanto nos resta ainda para compreender, enquanto é incompreensível: e se um dia nós a virmos revelada, não poderemos compreendê-la toda. “Vossos juízos são profundos como o mar” (Sl 35,7). Adoremos muito a tão grande Senhor, e amemos Aquele que tanto se abaixou e se abaixa até nos amar. E como, e até que modo nos deveremos aprofundar, para corresponder e imitar seu rebaixamento, com que Ele desceu e desce, para unir-se conosco? A Ele toda glória, que vive e reina por todos os séculos”.



- (1) – “Adaptadas” da Companhia de Jesus ao futuro Instituto.
- (2) – Isto é, a fundação do novo Instituto.
- (3) – “Alunas” e “educandas” do Internato e das Escolas do mesmo Instituto.
- (4) – A Naudet havia objetado a própria insuficiência para o cargo que lhe era imposto.
- (5) – Isto pode ter acontecido – em anos distantes – em Loreto: se não é um modo alegórico de dizer.

CARTA Nº 07 AO PE. LUÍS BRAGATO

Finalmente Pe. Bragato pôde passar um período de férias com seus confrades: de 6 de julho a 2 de agosto de 1840. Esta carta responde três ou quatro cartas que Pe. Bragato havia escrito ao Pe. Gaspar depois da sua partida de Verona. É toda uma efusão de alegria e de reconhecimento ao Senhor pelas graças íntimas e singulares recentemente concedidas a Pe. Bragato. Como ocorre fiar-se totalmente em Deus nos acontecimento de trevas e luzes que aqui em baixo são normais! A intimidade com Deus, no sacerdote, é um dever. Pe. Gaspar conclui admirando os caminhos do Senhor, e magnificando o abandono total Nele, “esperando contra toda esperança”.



“Muito Reverendo Pe. Luís caríssimo honorabilíssimo

Suas cartas de Trieste e de Viena me alegraram muito, sobretudo a última de 14 de agosto consolou muito minha alma e meu coração, auxiliando-me seu espírito, sua fé e devoção. Agradeço a Deus por você, e agradeço eternamente: “Bendirei continuamente o Senhor” (Sl 33,2). Mantenha-se sempre nessa profundidade de humildade, bem submisso a Deus, o qual como fonte perene de graça, de luz, de consolação, fará fluir em você, e ainda por você, uma larga veia de bênçãos celestiais.

Recebi, segunda-feira, juntamente com sua carta de 14 também uma outra de 15, que me encheu o coração de alegria, que me foi dado participar pelo Espírito Santo do Senhor que dirigia a mente e a pena de quem a escreveu. Assim o nosso Senhor amantíssimo ostra sempre que não é em vão que seus verdadeiros servidores dizem com grande alegria com o santo Jó: “Fazem da noite dia” (Jó 17,12) e com o santo Davi: “A noite vos é transparente como o dia” (Sl 138,12).

Oh! Quanto Deus se glorifica e nos seus dons e na fé humilde dos seus servidores! Eu seguirei fielmente e com o coração preparado o que me foi recomendado de agradecer a Deus o melhor que posso. E eu teria respondido por escrito, se não acreditasse que você poderia representar-me melhor que minhas cartas. Que língua pode realmente louvar a Deus quanto Ele merece, e relatar o amor com que nos ama e o cuidado diligentíssimo que tem para conosco, maior ainda que o da mãe para com seus filhinhos? Acostumemo-nos bem, neste dia de luz, com que Deus nos consola, revelando para nós sua face amável, a confiar totalmente em Deus, mesmo nos momentos em que se esconde, quase como a mãe que se diverte com seus filhinhos, tendo o prazer de se fazer procurar e desejar e chamar com suspiros e até com lágrimas.

Oh! Bendito este nosso Pai! Que fará conosco no céu, depois de vencidas todas as provas, se já agora demonstra tanta e tão terna benevolência? “Divertindo-se no globo terrestre” (Sl 144,19). Se for necessário ou conveniente que eu escreva, farei imediatamente mediante um

aviso seu. Mas parece-me, meu caríssimo Pe. Luís, que no coração de Deus, mais rápido, mais francamente e mais claramente se manifestem nossos afetos e nossos pensamentos, mesmo os mais sutis, sem demora ou rodeios de palavras, que mal nos servem nestes tão altos e delicados e sobrehumanos deveres! (1).

Já enderecei, com minhas intenções, as orações comuns e boas obras da nossa casa para render o tributo de graças que a Deus é devido por tão grandes favores, e a pedir a Sua caridade de não subtrair os maiores e extraordinários auxílios de Sua graça que nos ocorrem. Pense bem e coloque em prática o grande aviso de S. Gregório Magno: que um sacerdote deve entrar tanto na domesticidade e familiaridade com Deus, que possa confiar na necessidade de dobrar a Deus ao seu pedido. É certo que ele prometeu: “Ele satisfará o desejo dos que O temem” (Sl 144,19). Humildade e confiança, oração e diligência, fé e paciência, amor e devoção, eis o principal, e Deus fará o restante por si mesmo. Quem “permanecer em mim e Eu nele, esse dá muito fruto” (Jo 15,5).

Recebi, apenas você partiu de Verona, uma relíquia de prata dourada de S. Anselmo, enviada-nos de Mântua por meio de um senhor que parou um pouco na viagem, esperando encontrá-lo ainda aqui. No entanto rezaremos nós a este seu santo advogado, até que nos apareça uma oportunidade de entregá-la e colocá-la em suas mãos.

Todos o saúdam em casa e elevam as mãos ao céu por você, e a caridade melhor se percebe e toma incremento, quando se esconde a presença corporal aos nossos débeis e impotentes sentidos.

Oh! Como os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos dos homens! Que fossem bem compreendidos, quando necessário, como a Abraão, pai de todos os fiéis, de crer “esperando contra toda a esperança!” (Rm 4,18). Felizes os que fecham os olhos de sua curta visão, onde a sapientíssima mão de Deus toma a nossa para dirigir-nos e governar-nos! O caminho é breve, e aquela estabilidade na casa de Deus, imutável, eterna: e “os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada” (Rm 8,18). Adeus, meu caro Pe. Luís, adeus.

De Verona aos 27 de agosto de 1840.

*Seu afeiçoadíssimo no Senhor
Gaspar Bertoni.*



(1) – Fica para os estudiosos da Mística explicar, se podem, esta comunicação ou introspecção à distância de pensamentos e afetos que superam os meios sensíveis.

CARTA AO SR. VICENTE RUFO DE CALDIERO

Deste senhor nada sabemos ale do que aparece destes dois documentos que apresentamos: a carta dele – que é a introdução natural à carta do Pe. Gaspar, e que nós tiramos do autógrafo conservado no arquivo – e a resposta do Venerável conforme o texto da cópia conservado também no Arquivo.

Este Sr. Vicente Rufo torna-se intercessor junto a Pe. Gaspar da viúva de um certo senhor Estevão Debboni, recentemente falecido ao qual tinha sido confiado o arrendamento dos pequenos terrenos que Pe. Gaspar possuía em Caldiero. O Sr. Vicente implora que pela falta de braços do homem, aquele arrendamento seja agora tirado da viúva necessitadíssima.



Reverendo Sr. Pe. Gaspar Bertoni

A morte acontecida ao seu lavrador Estevão Debboni, no dia 8 do corrente mês traz a máxima confusão à sua viúva, encontrando-se sobrecarregada de duas filhas moças sem colocação, para poder ganhar seu necessário sustento. Seus parentes recorrendo a mim pediram-me encarecidamente que a recomendasse com esta, que agraciasse esta desconsolada viúva e suas filhas, deixando-as continuar na lavoura, como bom e entendido agricultor.

Perdoe-me, reverendo senhor, tal liberdade, a qual se origina da bondade e caridade de muitas formas demonstradas a esta pobre família; e por tal apoio aventurei-me levar as súplicas da pobre viúva Debboni, juntamente com as minhas pelas conhecidas necessidades da família Debboni. Os suplicantes vivem na plena confiança de serem consolados pela sua caridade.

O escrevente aproveita a ocasião para protestar-lhe sua mais profunda estima e veneração.

Caldiero, 18 de novembro de 1844.

*Seu obrigadíssimo respeitador servidor
Vicente Rufo”.*

A resposta do Servo de Deus é um modelo de cortesia, de caridade e de prudência. A apresentamos como está: isto é, mesmo com as omissões que são naturais em uma simples cópia de arquivo.

“Com dor soube da morte do bom Estevão por meio de Vossa Senhoria; e com consolação vejo o cuidado paterno que V. Senhoria toma por esta desolada família. E se, vivendo o bom homem, pela caridade que sentia para com um bom cristão carregado de numerosa prole (1), deixei minhas pequenas propriedades ao seu cuidado, agora que, morto o pai, a caridade cristã incita o coração de V. Senhoria a tomar uma parte tão ativa no infortúnio da honesta viúva e das suas filhas moças, tal é a estima que o senhor merece no meu espírito,

tal a afeição à sua assinalada virtude, tal a confiança que coloco justamente na sua prudência, que não posso senão deixar ao seu providente cuidado os meus interesses com os membros da aflita família.

Como, pois, o senhor me pede, assim seja feito para este ano. E conforme o Senhor sabe, tendo o defunto colono a obrigação gratuita de colocar saibro na estrada comum, Vossa Senhoria o faça observar. Peço-lhe ainda que, tendo sido estabelecido, conforme seu conselho, que o colono me entregue a metade da “polenta” (2), assim seja feito. Espero que Vossa Senhoria, vindo a Verona, poderá honrar-me com sua visita, e que manda algum dos nossos a Caldiero, poderei contar com suas sábias observações e com seus prudentes conselhos. No entanto para as pessoas a serem contratadas para servir de auxílio às estas senhoras para o cultivo da terra, faça o que sua prudência lhe sugerir.



(1) – As duas filhas moças deviam ser maiores, e depois delas haver outros pequenos, meninos ou meninas.

(2) – Palavra de roça, no lugar de milho.

CARTA Nº 10 A LEOPOLDINA NAUDET

O Servo de Deus já esteve em S. José. Entre os assuntos espirituais, revisões e escritos prontos, predisposições de trabalhos futuros, a conversa não foi breve. Leopoldina temeu que o Servo de Deus tivesse sofrido por causa disso. Este a tranqüiliza; e, marcado um encontro em S. Firmo – isto é na casa paroquial – para as companheiras dela, comunica-lhe, no entanto, o que diz respeito a uma francesa íntima da Naudet e seu braço direito; depois volta à “senhora Cristina” que agora parece tomada pela graça da vocação. O trecho que lhe diz respeito é todo uma elevação do Salmo 115 e da terceira petição do Pai nosso.



“Minha Senhora,

Não fique a senhora com pena de mim porque me demorei um pouco mais em S. José, porque naquela tarde cheguei em casa mais cedo do que as outras vezes em que venho do seminário (1). E, no entanto o Senhor me ajuda, pois, parece que minha saúde se restabelece já há vários dias.

Recebi com prazer os papéis enviados, e estarei à espera, com sua comodidade, dos outros que me prometeu.

Quarta-feira, eu estarei atendendo as pessoas indicadas. E, no entanto, se achar por bem a senhora, dia à senhora Sofia (2) estas palavras que não sei como esqueci de escrever na minha última carta: que se ela é pequena, torne-se ainda menor na sua estima, que nunca poderá fazer o suficiente e tudo o que convém; mas que não diminua o Senhor, com um engano, limitando-O à sua pequena cabeça, e medindo-O com o seu pequeno e angustiadíssimo coração. E diga-lhe que o Senhor da França é o mesmo também da Itália; e que lhe tendo dado tanta coragem para salvá-Lo (3), Ele será infinitamente melhor, e infinitamente mais poderoso para salvá-la.

Eu não posso deixar de lado os sentimentos justíssimos da senhora Cristina. “Que poderei retribuir ao Senhor por tudo o que Ele me tem dado?” Eis a resposta: “Erguerei o cálice da salvação invocando o nome do Senhor”. Eis o fruto da generosa paciência e da amorosa confiança na oração, que seguirá imediatamente: “Cumprirei os meus votos para com o Senhor diante do seu povo”; e logo depois, a seu tempo, “a morte dos seus santos é preciosa diante do Senhor”. Convém, portanto, exclaimar no meio de nossas tribulações, por surpresa de alegria: “Ó Senhor, porque sou teu servo e filho de tua serva”. E depois, livres das tribulações e soltos de muitos laços e impedimentos dos nossos defeitos e inclinações, prosseguiremos com transportes de gratidão: “Quebrastes, Senhor, minhas correntes, oferecerei a Ti a hóstia de louvor”. E reforçada a esperança das primeiras provas do cumprimento das promessas divinas, com todo coração, ébrio de caridade e já maduro para as tarefas da glória divina, repetiremos mais com os fatos que com as palavras: “Cumprirei os meus votos para com o Senhor, na

presença de todo o seu povo. Nos átrios da casa do Senhor, no seu recinto, ó Jerusalém!” (SI 115, 9-10).

“Glória, pois, glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Assim é, assim seja, Amém”.

Em suma, Nosso Senhor quer que façamos sua vontade na terra, como se faz no céu, isto é, não em parte, mas no todo e sem que nada o impeça; e neste breve tempo em que esperamos nossa assunção ao seu reino, vivamos como anjos, embora sejamos ainda homens, e convertamos a nossa estadia na terra como um esboço do céu. Para isto Nosso Senhor desceu do céu: para mostrar como devemos viver estando ainda na terra. Seja bendito e glorificado o seu santo (Nome) (4) pela nossa língua e pela nossa vida, para sempre.

Recomendo-me muito às suas orações, e com total estima, e veneração ofereço-me,
De Verona aos 21 de dezembro de 1812.

*Humílimo Devotíssimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote”.*



(1) – Pe. Gaspar já iniciou, pois, sua atividade no seminário.

(2) – A “senhora Sofia” é Maria – chamada Sofia – Gagnère di Leone, filha de Madame Francisca Gagnère Beruyer, que no tempo do Terror foi vítima da guilhotina por haver abrigado e assistido a padres que não haviam prestado o assim chamado juramento civil. Maria, com a irmã Adely ou Adelaide, conheceu L. Naudet no Instituto das “Diletas”, e se uniu a ela para sempre. Agora, em S. José, “a senhora Sofia” era a alma de todas as atividades; mas tinha também seus sofrimentos espirituais.

(3) – Alude-se a um episódio da adolescência da Gagnère. Nos tempos do Terror, perdida a mãe, a jovem recolhera-se com suas duas irmãs a uma aldeia bastante tranqüila, em uma casa onde às vezes se mantinha o SS. Sacramento. Aconteceu que os soldados da Revolução invadiram aquela casa, revistaram tudo e levaram a caixinha de prata que continha as sagradas espécies. Maria Gagnère não soube se conter. Fazendo-se acompanhar por uma senhora caridosa, vestida de camponesa, seguiu corajosamente os soldados, e durante uma parada que fizeram numa taverna, revistou suas bagagens e conseguiu – como diz o Venerável – salvar o seu Deus. Cf. A. Pigghi, “Un episodio della Rivoluzione Francese”, Verona, 1892.

(4) – No original, neste ponto há um vazio, que – segundo nos parece – requer a palavra “Nome”. Portanto nós o colocamos.

CARTA 35 A LEOPOLDINA NAUDET

O Servo de Deus escreve de Colognola dei Colli que é Zona rural de Verona, onde ele se retirou para convalescer. Mesmo assim Pe. Gaspar não pode deixar de se interessar por Leopoldina e pela formação de seu futuro Instituto.



“Minha Senhora,

Coloquei toda diligência para encontrar aqui a obra do Abade Condillac, para continuar o resumo: mas não consegui. Porém o tempo não foi perdido. Soube que em Verona encontram-se todas essas obras, com a língua do “Calcolo”, traduzidas em italiano; a seu tempo, talvez a descoberta será útil. Um senhor dessa cidade a tem na sua Biblioteca, mas no momento (ele) se encontra em Milão.

Vi também o livro dos Exercícios de S. Inácio traduzido, publicado em Veneza, em 1737. Mas a ordem está um pouco diferente do original, há algumas meditações acrescentadas. E, embora o todo não esteja muito diferente, porventura, nem do espírito de S. Inácio, nem da prática insinuada pelo Diretório dos Exercícios, porém parece-me que seria melhor, em um tempo mais cômodo, fazer uma nova tradução.

Antes de partir encarreguei Pe. Farinatti de procurar para a Senhora quando pedir, o Goguet, e de levar da minha biblioteca o “Vocabolario della Crusca”, as 28 novelas de Boccaccio, Petrarca e Dante; não me foi possível – entre as visitas aos superiores e a minha pouca saúde – ir a S. José depois do almoço, o que muito desejava; e nem mesmo transcrever aquele tosco papel, que criei coragem de enviar-lhe como estava.

Não é para temer nenhum estorvo ou dificuldade neste caminho que se trilha para encontrar Nosso Senhor e para Sua glória; já que Ele é também o Senhor de todas as ciências, “Deus é o Senhor das ciências” (1Rs 2,3); e ninguém jamais deu um passo sem a sua luz no conhecimento mesmo das coisas naturais. Uma vez que não negou esta luz a muitos homens, mesmo infiéis, mesmo ímpios, – para que servisse de auxílio para muitos outros, embora havendo eles abusado, como se vê de um Aristóteles, dum Platão, dum Pitágoras e de outras centenas, – como o negará àqueles que, querem servir-se dela para mias conhecê-lo e amá-lo, e se propõe que os outros também a aproveitem?

Agradeço suas orações, já que me encontro inteiramente melhor de saúde; mas lhe peço muito calorosamente de usar a mesma caridade pela minha pobre alma, que está doente por tantos defeitos mais do que estava o corpo, a fim de que possa servir a Deus Nosso Senhor e à sua Igreja como Ele me ordena; e possa chegar, depois da fadiga, onde a vida é perfeita e imortal; já que a presente, vê-se por experiência não ter outras atrações que empenhem nossos desejos, senão servir a Deus e padecer por Ele.

À Senhora, no entanto, tenho a honra de com total estima e profunda veneração subscrever-me.

Cognola, 24 de agosto de 1813.

*Humílimo Obrigadíssimo Devotíssimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote.*



CARTA Nº 28 A LEOPOLDINA NAUDET

Parece que esta carta deva ser colocada no final dos Exercícios de Leopoldina, dias 13 ou 14 de março. A primeira e mais considerável parte trata de uma pergunta que a Naudet faz a Pe. Gaspar para redigir um programa completo de estudos para a sua Obra. Vendo a correspondência de Leopoldina com “as da França”, isto é com as damas do S. Coração de S. Madalena Sofia Barat, Pe. Gaspar renova o auspício da reunião dos dois Institutos em um só e único corpo. E dos diversos argumentos tira de boa mente matéria e modo de se efundir em elevações.



“Minha Senhora,

Suas reflexões sobre os estudos são muito sensatas; eu sinto aí todo o peso. O trabalho é muito difícil; e se para suas forças é difícil, que direi para as minhas? Formar um plano de estudos exige muita penetração de engenho; e isto é bem diferente de um miserável trabalho de transladar algumas páginas do latim para o vulgar. Não é, porém, para desanimar. Porque o Senhor, que deu o esboço de todo o edifício, dará também a planta de cada parte, correspondente à magnificência e grandeza de tal palácio. Se a Senhora não vê agora delineado diante dos olhos da sua mente, tenha certeza de que o verá claro quando Lhe agradar, e então será o melhor tempo.

Mas como a Senhora quer colocar na mão de um tolo o plano de uma parte de uma construção tão surpreendente? O Senhor poderia iluminar-me; e porque, não muito mais depressa, à Senhora? Antes, iluminará a Senhora e eu; eu, para dispô-la talvez, muito de longe, para receber as luzes; e recebidas, para assegurá-las confrontando-as à prova das divinas Escrituras, da S. Igreja católica, dos seus Santos e Doutores; a Senhora, pois, para completar Nele, com Ele e por Ele aquilo que começou; pois “Aquele que começou levará a obra até a perfeição” (Fl 1,6).

É necessário, portanto, ânimo forte, porque Nosso Senhor não quer fazer a planta em papel ou tela, mas no Espírito. Se este espírito não é bastante espaçoso, nem grande, não pode receber em si a planta tão desenvolvida até os últimos cômodos de um edifício de tanta envergadura. Não recebe, então, senão aquilo que pode conter, isto é, uma limitação. À medida, portanto, que se dilatar o ânimo da senhora pela caridade de Cristo Jesus, dilatar-se-á também, e se desenvolverá, o plano magnífico de Sua glória.

Teria muitas coisas para apresentar à sua reflexão sobre o fim, os meios, e a ordem destes estudos; o que eu farei, mais amplamente, uma outra vez, por escrito ou a viva voz.

A Senhora Marquesa queria – se eu tivesse falado primeiro com ela – encarregar-me de persuadir a Senhora que impedisse a senhora Cristina de falar, alegando a sua obediência, e o desprazer de dar uma mortificação à senhora. Eu respondi que a senhora não se mortifica por

isso, e queira continuar a conversa, mas ela foi muito rápida em desconversar. Mas o Senhor desta vez a preveniu, porém, fazendo que eu tivesse, sem querer, falado primeiro com a Senhora. Daí continua aberto o caminho para o assalto da senhora Cristina, e o Senhor ajudará a sua fé. Um bom indício, da Sua mão divina é o medo que espalhou no coração daquela fortaleza, provida de tantos terraplenos, fossos e paliçadas.

Agradeço muito sua caridade em participar-me da consolação de toda a correspondência da senhora com aquelas da França. Eis os fios que o Senhor prepara, e a seu tempo fará um belo tecido, que revestirá a sua Igreja no dia de suas núpcias. Deus seja louvado do que inspirou a senhora para escrever, e do que Ele está para completar. Felizes os que confiam muito neste poderosíssimo e amantíssimo Senhor! Nada mais é necessário. “Ele dará a força” (Sl 67,36) como deu o desejo.

Que coisa bela é esta, onde o desejo não dista nem um passo do fato! “Tudo o que Ele quis – e nesta vontade fez com que também nós quiséssemos – Ele fez (Sl 113,3); não que Ele tenha que fazer; já o fez – porque nada há que resista à sua vontade – ainda antes que o fizesse a nós, pobres, executar. Portanto, nada existe, onde a confiança não tenha valor. Talento, sabedoria, força encontraremos tudo Nele com superabundância. “Deus é o Senhor das ciências” (1Rs 2,3). “Feliz o homem que se refugia junto dele” (Sl 33,9).”

(a carta termina sem assinatura)



CARTA Nº 32 A LEOPOLDINA NAUDET

Documento admirável. Naudet e o Servo de Deus já estavam de olho num ex-mosteiro como ninho oportuno para o Instituto que tinham no coração; quando eis que o proprietário do local – um tal José Bellotti que com o auxílio do Pe. Nicola Galvani o adquirira – abre aí uma escola de caridade, confiando-a a ex-freiras.

O desapontamento não provoca senão um aumento de alegria e zelo pela maior glória de Deus e um mais terno abandono nos braços da Divina Providência. Era o Mosteiro chamado das Teresas – tendo anexo justamente a igreja de S. Teresa – para o qual a Providência levará Leopoldina e suas particulares companheiras em novembro de 1816.



“Minha Senhora,

É bom o conselho do prudentíssimo Pe. Superior (Pe. Fusari, oratoriano). E Deus o abençoará na execução.

Deus seja louvado também pelas notícias que a senhora me fornece sobre o Convento das Teresas. O arcebispo não me disse nenhuma palavra. Seja como for, a senhora tem razão de consolar-se que se reúnam de toda parte, sob diversos líderes, fileiras de almas às gloriosas bandeiras de Cristo nosso Senhor; porque realmente quanto mais formos, tanto melhor para a divina glória, e para todos nós, e para cada um de nós; porque, comunicando-se e participando um com o outro, a caridade cresce e (se) multiplica.

Mas por nenhuma razão a senhora pode ser levada ao temor, antes, ao aumento do temor. E a senhora não percebe com quanta força o Evangelho nos grita: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”? (Mt 6,33). “Não vos preocupeis com o dia de amanhã” (Mt 6,34), e que quem abandonar por amor de Cristo uma casa, o Senhor lhe abrirá cem? “E todo aquele que tenha deixado casas, etc., receberá muito mais – nesta vida – e a vida eterna” (Mt 19,29) na futura. Antes a própria razão nos diz que como cabe à Esposa estar preparada para agradar ao Esposo, assim cabe ao Esposo encontrar a casa, e levar a Esposa até ela?

Quanto aos nossos defeitos, eram muito conhecidos ao Senhor mesmo antes que nos chamasse. E se estes agora vão se tornando mais conhecidos aos nossos olhos, devemos também ter conhecido muito mais a Sua bondade e onipotência; daí é necessário e de obrigação que, junto com a humildade, cresça a confiança. Jamais nenhum que confiou Nele, ficou confundido. E quem se firma em suas divinas palavras, ainda que por si mesmo seja debilíssimo e doente, será firme e fortíssimo.

Se o Senhor mostrou claramente o objeto da sua glória, tornará claro, devagar, o modo e o quando. E a Senhora “permaneça na cidade até ser revestida da força do alto” e “esperarei no

Senhor com toda a confiança – e um dia a senhora poderá dizer – Ele ouviu os meus brados” (Lc 14,19 – Sl 39,1).

Quanto ao meu desejo: é bom; embora o fato não seria bom. Para o mesmo fim eu acho bom o desejo, ao qual inútil, antes, prejudicial, seria o fato. Daí não é necessário que a Senhora se esforce para tirar a disposição que o Espírito do Senhor coloca na senhora, e da qual Nosso Senhor sabe aproveitar como Lhe agrada, e como à senhora mesma mais lhe faz bem (1). Oh! Quanto é bom este Senhor com aqueles que têm os coração reto! (Sl 72,1). Mas o melhor ainda desta sua bondade está escondida mesmo àqueles que também participam, isto é àqueles que o temem; será, portanto, revelado depois, e temos Sua palavra como garantia.

Às suas orações recomendo minha alma, que tem grande necessidade; e cheio de estima e reverência honro-me e protesto.

De casa, 28 de junho de 1813.

Devotíssimo Humílimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote



(1) – Não sabemos qual possa ser o objeto de tal desejo.

DUAS CARTAS A MADRE TERESA GAMBA

Não são senão duas breves respostas a duas brevíssimas missivas. Por elas entramos ao vivo em um traço característico do Ven. Gaspar: a renúncia habitual – diríamos antes sistemática – das ofertas, mesmo as mais espontâneas, fossem de dinheiro ou outra coisa; pois se aceitou “o legado do Sr. Arcipreste Galvani, as razões são tão claras – assim ele explica aqui embaixo – que seria inoportuno apresentá-las”.

Das duas respostas do Servo de Deus, a segunda é autógrafa, a primeira parece ditada ao Pe. Miguel Gramego. As cartas de Madre Teresa sirvam como introdução aos trechos do Pe. Gaspar.



Carta 1

“Vossa Senhoria Reverência

Com humilde súplica peço que Vossa Senhoria receba o pequeno conteúdo, sendo ele inútil para mim. Meu coração teria desejado que minha conversa com o senhor fosse mais longa; direi que isso não foi agradável a Deus. Recomendo-me ao Senhor porque preciso oh! tanto. E com esta minha irmã abençoe-me.

*Humílima Serva
Teresa Gamba”.*

“Reverendíssima Madre

Recebo sua carta no momento que estou para pregar, e agradeço muito, e conservarei sempre no coração um vivo reconhecimento por um afeto tão grande que a senhora demonstra por mim, forçando-me a aceitar seus donativos. Mas sendo contrário aos nossos acordos expressos, desculpar-me-á se não os posso receber. E protestando a Vossa Senhoria Reverendíssima a minha profunda estima e veneração, professo-me...”



CARTA 2

A ex-freira respondeu:

“Reverência”

“Guardo o embrulho que Vossa Senhoria me devolveu com a certeza de que por bondade o receba. Isto não é um presente, nem donativo, mas um pequeno adiantamento do meu Convento. Concorde que ainda peça a sua caridade de recebê-lo, e se pela pessoa a mim proposta for aprovado, na minha morte será disposto o que em vida o senhor me nega. Por favor, responda-me uma linha, ou me envie uma pessoa à qual possa dizer o que o coração e a vontade me diz; e para ajudar-me lembre-se que a amarga falta do senhor Arcipreste deixou-me realmente órfã, e que ainda devo achar uma pessoa apta para confessar-me.

Abençoe-me e reze sempre por mim.

No momento 6 M.o 1823

*Humílima Serva
Teresa Gamba”.*

“As minhas constantes máximas me impedem de aceitar o donativo pela segunda vez oferecido por Vossa Senhoria, e me obrigam também a recusá-lo após a morte. Se aceitei o legado do Sr. Arcipreste Galvani, as razões são tão claras que seria inoportuno apresentá-las. No mais faça a senhora segundo meu conselho: guarde isto e outras coisas para aquele uso que não deve jamais, até à morte, desesperar de dever fazer; e se a Deus não agradar consolá-la, na hora da morte disporá segundo o conselho prudente de quem preparar o seu testamento: não, porém, em meu favor nem dos Estigmas, porque nem aceito, nem deixarei que meus companheiros aceitem: aos quais sobretudo importa-se que estas máximas seja bem recomendadas, sabendo eu que importam muito para a honra de Deus nestas circunstâncias. Rendendo pois à caridade de Vossa Senhoria infinitas graças, protesto a minha veneração e o meu perpétuo reconhecimento”.



NOTA: As duas irmãs Gamba, ex-freiras, tiveram que se contentar de fazer aceitar nos Estigmas – conforme a taxa diocesana, se entende – suas esmolos para um bom número de SS. Missas, que no momento de uma partida delas, marcado em um registro nosso em abril de 1836 – para onde não se diz – chegavam a nada menos que 2.562.

CARTA Nº 34 A LEOPOLDINA NAUDET

Trata-se do espírito que deve animar os estudos no Instituto de Naudet: doutrina – como sabemos – característica do Ven. Servo de Deus. Aqui não há necessidade de resumir: bastam o texto e as notas.



“Minha Senhora,

Tomo a liberdade de submeter à sua reflexão – ocorrendo começar depois de amanhã os estudos de suas companheiras – que seria bom em uma conferência particular instruí-las, antes, sobre o fim a que devem dirigir esses novos estudos, e ao mesmo tempo preveni-las dos perigos que eles trazem, de distrair a mente e envaidecer o coração, e precavê-las com os remédios contrários. Embora sejam os estudos um meio prático para propagar externamente (e) nos outros a divina glória, fazer notar que se deve sobretudo, e antes de qualquer outra coisa, procurar essa glória divina em nós mesmos: isto é obter primeiro a vitória de si mesmo, antes de entrar em campo para vencer os corações dos outros, a que os estudos servem de armas.

Portanto, dar-lhes por escrito, para que coloquem totalmente em execução, as advertências de S. Inácio aos estudantes, isto é, de conservar a presença de Deus, etc. (1). E sugerir-lhes outras coisas, tiradas das Constituições de S. Inácio, que ajudem assim a persuadi-las para os estudos, enquanto são meios da glória divina, e protegê-las contra as tentações do demônio, que, como diz S. Gregório (2), sob o manto da piedade, procura por todo meio desviar as pessoas dos estudos das ciências humanas, prevenindo-as dos grandes perigos que da pouca ciência virão em cima todo o inferno; e ao mesmo tempo mantendo-as temerosas da outra tentação, também do inimigo, que se aproveita dos estudos mal ordenados do espírito para fazer o homem cair em ruína maior.

Perdoe-me a senhora a liberdade que tomo, e, se não achar necessário ou útil, nem pense no que escrevi. Eu procuro, no entanto, prosseguir na cópia do livro da “Lingua del Calcolo” de Condillac, para que sirva à honra e glória de Deus às suas companheiras; já que, da parte do meu companheiro (3), para seu melhor bem, como a senhora sabe, a coisa acabou (4).

Protesto-lhe os sentimentos de minha verdadeira estima e profunda veneração.
No dia de S. Inácio de 1813 (31 de julho)”.



(1) – Tiramos estas advertências de um papel de Pe. Marani, intitulado: “Método para os Estudos”. “Por isso que os estudantes, devido a finalidade dos seus estudos, não podem se entregar a longas meditações, além dos exercícios cotidianos, que são: a Missa, a oração por uma hora e os exames de consciência, e além da Confissão e Comunhão semanal, podem se exercitar em procurar a presença de Deus em todas as coisas, como na conversa com os outros, no andar, no olhar, no saborear, no ouvir, no estudar e coisas semelhantes; sendo verdade que a divina Majestade está em todas as coisas por presença, por essência e por substância; e esta maneira de meditar, que encontra Deus em cada coisa é mais fácil que aquela que eleva a coisas divinas mais difíceis, tornando-se presentes com mais trabalho; e este exercício lhes preparará grandes visitas do Senhor em breve tempo de oração. Além disso, podem os estudantes exercitar-se em oferecer muitas vezes ao Senhor Deus seus estudos e o trabalho que custam, pensando como por amor Dele aceitamos tais trabalhos, deixando de lado nosso prazer; a fim de que para Ele sirvamos em alguma coisa, ajudando aqueles por cuja Ele padeceu a morte, e sobre os dois pontos acima citados será bom que nos examinemos” (S. Inácio ao Pe. Brandon).

(2) – Isto é, o Autor do “In primum Librum Regum” citado em outro lugar. Os textos são estes: “Não conseguimos penetrar a profundidade da Sagrada Palavra sem a vã ciência secular” (L. V, 31) e “Os espíritos malignos tiram do coração de muitos o desejo de aprender, para que não conheçam as ciências do mundo e assim não atinjam a sublimidade das coisas espirituais” – trecho que o Servo de Deus citava com a nota marginal da edição Maurina: “O diabo é a causa de que não saibamos as coisas do século” (ibidem 30). E dizia: “A ciência humilde é uma grande coisa também para rezar e meditar” (sobre o I Livro dos Reis, Med. 52).

(3) – Pe. Mateus Farinatti, sujeito a graves esgotamentos.

(4) – Isto é, não pode mais ajudar neste trabalho.

DUAS CARTAS A LEOPOLDINA NAUDET

CARTA 139

Um segundo aceno à melhora da pobre perna; em seguida dois conselhos: um econômico, outro disciplinar. Ainda em abril de 1828.



“Ilustríssima Senhora,

Parece-me que as orações do santo Príncipe, mantidas por sua caridade, ajudaram-me. Parece-me que não há mais nada para cortar, ou muito pouca coisa. Eu vejo certas brincadeiras da Divina Providência que me fazem pasmar sumamente. Seja louvado o Senhor, e recompense Ele a caridade da Senhora.

Quanto ao dinheiro: não se pode oferecê-lo recebendo juros, o que seria usurário (1). Receba-o e o retenha até que possa usá-lo utilmente para alguma compra frutuosa, ou outro contrato lícito.

Quanto ao assunto que me acenou, eu rezei ao Senhor, e rezarei ainda; mas não se perturbe. Se o mal é curável, preparemo-nos com toda a caridade e paciência o remédio; se não é passível de cura, com paciência e com diligência desimpeça a casa. Poucas, mas como devem ser, farão muito mais que muitas lânguidas e cheias de defeitos.

O Senhor cresça e confirme o trabalho de suas mãos.
Neste momento.

*Humílimo Devotíssimo Servidor
G. Bertoni”*



(1) – O Ven. Gaspar parece permanecer firme na disciplina mais antiga, a qual – em relação a dinheiro – não considerava lícita a recepção de um interesse em forças dos juros, isto é por títulos intrínsecos, mas só por títulos extrínsecos.



CARTA 144

Esta carta parece ligar-se com o conselho disciplinar da carta 139. É o caso de uma “companheira” de Leopoldina que deve ser demitida definitivamente do Instituto. Colocação aproximativa neste maio de 1828. Carta importante pelo princípio e o modo que inculca.



“Ilustríssima Senhora,

Uma vez que não quer ficar quieta, o que seria melhor, vá com raiva (1): 1º.) porque o osso fora de lugar sempre incomoda, e não pode ter nem dar descanso aos outros; 2º.) porque depois, passada a raiva, poderá sossegar; 3º.) porque se é louca, será conhecida também pelos outros.

Procure, continuando, fazer-lhe favores, dos quais, se agora não os percebe, mais tarde se lembrará, e falará bem de vocês. Enfim, libere-a no primeiro momento que puder. A dor e mal que fará saindo, não é comparável com o que ocasionará permanecendo.

Ela é como aquele que tem o dente cariado: fora o dente da boca, fora também as dores. O melhor que puder, vá com Deus. Procurarei rezar aquilo que posso; e o Senhor pela sua misericórdia, se dignará, como espero, consolar a senhora e suas companheiras, que não é preciso dizer-me como estão aflitas. Mas um pouco acima, um pouco abaixo, um para lá, um para cá, vai-se adiante nas pegadas Daquele que nos precede com sua Cruz às costas e vai gritando: “Se alguém quer vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia, e me siga” (Lc 9,23).



(1) – A companheira da carta 139

CARTA Nº 87 A LEOPOLDINA NAUDET

O primeiro parágrafo é um significativo conselho sobre a virtude da pobreza.



“Minha Senhora,

Uma virtude jamais exclui a outra, não se combatem mutuamente. Quando portanto lhe parecer que a prudência ou a caridade exijam alguma coisa, não tema que aquilo seja contra a pobreza, nem falta contra o voto religioso. Os votos religiosos não são senão um meio em relação à caridade: ela é o fim. E o fim é que dá ordem, método, medida a todos os meios.

Não deixarei de unir-me como puder às orações daquele grande Servo de Deus que a senhora me indica. Procuremos a glória de Deus e a salvação do próximo, e Deus nos dará o restante por acréscimo, tendo-nos já dado seu Filho e com Ele todas as coisas”.

(Páscoa de 1825.

G. Bertoni).



CARTA Nº 179 A LEOPOLDINA NAUDET

“Ilustríssima Senhora,

Eu não me sinto verdadeiramente à vontade de ir contra um Engenheiro, nem de me colocar em confronto com um mestre de obras, ainda que perito e entendido. Os engenheiros têm seu conhecimento pelos planos, os mestres sua arte e experiência pelo trabalhos. Às suas experiências confiam mesmo os arquitetos mais sábios, até os consultam: daí se pode crer neles, embora seja conveniente um certo respeito pela ciência dos engenheiros, para não mostrar que devem ceder a um inferior.

Em segredo, pois, entre a senhora e eu só, direi que o senhor Barbieri teve também na planta dos fundamentos da grande igreja de Poiano, um grande erro na segurança e solidez, que foi corrigido e emendado pela perícia de um mestre de obras que então me contou; pelo que, embora em segredo, lhe digo que não poderia deixar de temer o grande perigo que percebo. Por isso a senhora diga: estar persuadida de não fazer a passagem senão a 15 pés; enfim para a senhora não se trata de aprofundar um pouco mais ou de virar um pouco; e para mim, pelas duas coisas, livrar-nos de um perigo.

Se para fazer esta nova planta, for necessário ao senhor engenheiro vir até aqui para ver o lugar, pode vir com toda liberdade e a qualquer hora; e, se pudermos ajudar fornecendo conhecimento sobre as paredes já construídas, faremos isso com todo o prazer para com uma pessoa, a quem por outro lado, temos verdadeira estima e reconhecimento.

No entanto, renovando-lhe todas as recomendações e advertências sobre a execução da obra que lhe escrevi ontem à tarde, com toda veneração subscrevo-me.

Dos Estigmas, 19 de agosto de 1831.

*Humílimo Devotíssimo Servidor
Gaspar Bertoni”.*



FINAL DO SERMÃO DE SÃO GASPAR BERTONI
“O ADVENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO”
09 de dezembro de 1804 (Pagine di Vita Cristiana, p. 231)



7. Como receber o Redentor.

“Agora é o tempo favorável, agora é o dia da salvação que se aproxima” (2Cor 6,2). Eu percebo, irmãos, que uma doce e alegre esperança já nasceu em seus corações, e agradáveis afetos de satisfação, amor, e desejo já comovem seus espíritos. Vocês me deixam perceber que falei suficientemente sobre o propósito por vocês aprovado de “esperar a feliz chegada do Salvador”. Chegou o momento de ver como isso deve ser feito. Eu o farei com uma figura que me oferece a História Sagrada.

Abraão queria dar uma esposa ao seu filho Isaac. Para isso enviou um criado à Mesopotâmia. Este querendo resolver satisfatoriamente a obrigação para com seu patrão, e instruído por sinais divinos a respeito do plano de Deus, para com Rebeca deu-lhe alguns presentes. Com a anuência da parentela, e depois de mais presentes em ouro e prata, levou consigo a noiva, de volta, a seu patrão. Ao cair da tarde, Isaac saía para meditar um pouco no campo, quando levantando os olhos viu que chegavam camelos conduzindo Rebeca. Ela também, vendo Isaac, desceu do camelo, e sabendo pelo criado que aquele era seu noivo, imediatamente cobriu seu rosto com o véu, e depois se aproximou dele. Informado de todo o acontecido, Isaac introduziu-a em casa. Aí ratificaram e concluíram as núpcias; e Isaac, depois dispensou à esposa as mais ternas afeições (Gn 24).

Isaac é a figura do Filho unigênito de Deus, que é o esposo das almas fiéis. O criado enviado para buscar a noiva representa os pregadores, que enviados para levar a Palavra de Deus aos povos tornam-se os intermediários dessas felizes núpcias. Por alguns sinais predeterminados por Deus, os pregadores reconhecem ora essa, ora aquela alma escolhida, e representada por Rebeca. A elas insinuam suaves desejos de converter-se a Cristo e unir-se a Ele por meio da graça; e dão ricos presentes de misericórdia e de amor em Seu nome, até que ela consinta plenamente, seguindo a pregação de ir até Cristo. Então, conduzem a esposa com alegria do seu Senhor.

Mas o que quer dizer: Isaac saiu para meditar à tarde, e que foi ao encontro de Rebeca? Que o Filho de Deus veio ao mundo, como disse o Profeta: “Saíste ao encontro do teu povo para salvá-lo” (Hab 3,13); como também o Salmista: “Minhas mãos estendidas sejam como a oferta da tarde” (Sl 140,2). Pois não satisfeito de enviar Profetas e Pregadores, Ele mesmo veio pessoalmente ao encontro daquelas almas que consentem em unir-se a Ele pela graça.

8. Vamos com alegria ao encontro de Cristo.

Espero, ou melhor, tenho certeza, de que tudo isto hoje se tenha completado em nós. Pois já vejo suas almas, não somente desejosas, mas resolvidas a atender o convite da minha pregação e prontas a irem comigo, com alegria, ao encontro de Cristo, que nesses dias, por sua vez vem ao nosso encontro. Agora somente resta que se concretize em vocês também os últimos pormenores dessa alegoria.

De fato, apenas Rebeca viu Isaac, desceu do seu camelo. E isto significa que a alma, sequiosa corre para Cristo quando Ele se aproxima. Aumentando seu conhecimento, deve unir aos bons desejos o propósito, ou melhor, a ação eficaz de abandonar realmente sua vida irregular e os soberbos pensamentos mundanos, que é o descer do camelo.

Além disso, como Rebeca cobriu seu rosto diante de Isaac, assim a alma diante do Cristo deve envergonhar-se de sua vida passada, dos seus pecados, confessando-se humilde e dolorosamente. Que o Senhor Nosso Jesus Cristo nos dê a graça, a mim e a vocês, de que isto realmente se realize. E assim recolhidas nossas almas por esse novo Isaac em sua casa, digno-se Ele juntá-las e uni-las a si, pela graça nesta vida e pela glória na outra. Possamos aqui na terra e lá no céu sermos felizes e juntos louvar a misericórdia daquele que com o Pai e o Espírito Santo é amor desde toda a eternidade.



Feliz Natal! Feliz Ano Novo! "... com as cruzes!"

CARTA Nº 4 AO PE. LUÍS BRAGATO

São dois fragmentos de uma mesma carta. Se alguém pensar de outro modo nós não discutiremos o primeiro, no seu complexo, daria ao Pe. Bragato motivo de “alegrar-se com os que se alegram”, o segundo de “chorar com os que choram”. Texto citado no princípio do segundo fragmento.

A Condessa Carolina Setala, viajando de Milão a Viena para a Corte imperial, visita o Ven. Gaspar. Interessante o retrato que o Servo de Deus faz dela aqui, e o ensinamento que tira. Segue uma gozadora exposição dos trabalhos de Pe. Marani que iniciou seu ministério nos Abandonados, na paróquia de S. Estevão.

O segundo fragmento traz a notícia dolorosa da morte de um amigo dos Estigmas e de Pe. Bragato, e um aceno a “outras tribulações que não são poucas”, que não são aqui especificadas.



“Caríssimo Pe. Luís muito reverendo e respeitabilíssimo,

Receberá da condessa Settala o livrinho de S. José, que lhe envio pela segunda vez, sabendo por você que não recebeu o que com tanto cuidado foi mandado pela primeira vez. A perda é pequena e reparável. Teria também esta carta pelas suas mãos, se eu tivesse sido avisado da sua chegada, como você queria que eu fosse avisado, mas o seu pedido não foi feito. Agradeça-a e nas suas orações ao Senhor peça que ela se torne santa, como foram três da sua casa, da qual leva os retratos a você.

Receberá dela, também, as saudações de Pe. Miguel, que foi à sala de visitas para vê-la. Esta matrona que pela voz e pelo coração parece um generalíssimo da armada, pela dor que a aflige pelo filho falecido, mostra ser o que é: uma mãe dolorosa. Deus a quer de todos os modos. Amemos, pois, a Deus e prestemos-lhe o serviço que podemos, assim como a cada um Ele nos fez, e segundo o espírito e a graça que Ele nos deu. E o nosso bom Deus ficará satisfeito!

Isto você bem sabe que eu falo por haver-me feito conhecer sua natureza. “Servi ao Senhor com alegria, diz Davi, entrai exultantes em sua presença. Sabei que o Senhor é Deus: Ele nos fez e não nós a Ele” (Sl 99,2-3).

Vou agora satisfazer a sua caridosa e fraterna curiosidade, e dar-lhe um pouco de matéria para sua recreação solitária depois da janta, no tempo do famoso “Chilo”.

Pe. Marani fica nos Estigmas nos dias de aula; à tarde e nos feriados, nos Abandonados. Nos Estigmas dá sua aula e estuda um pouco na biblioteca para suas pregações. Nos Abandonados, nas tardes de sábado e do domingo, confessa muito e com grande fruto para aquele bairro. Nas outras tardes faz uma conferência sobre moral com dez ou doze sacerdotes, semelhante à nossa antiga de S. Firmo. Depois da palestra normal dá uma de Pe. Guerreri;

decide e define segundo a circunstância, e é diariamente, os casos mais intrincados; e o Senhor lhe dá luz, prudência e franqueza não ordinárias.

Na quinta-feira examina, conforme o costume, os clérigos do seminário, e continua recebendo penitentes de todo tipo e a toda hora, interrompendo o almoço, a janta, e atrasando o repouso. Do mesmo modo nas festas, atende confissões no coro de S. Estevão até a hora de fazer a instrução em S. Sebastião. Continuará isto enquanto o Senhor for servido. O povo o escuta de boa vontade, e parece que a Palavra de Deus não é perdida, mas recebida em boa terra (cf. Mt 8,23).

Antes de recomeçar o curso de suas palestras, o enviei a S. Zenão para fazer o oitavário dos mortos.

... entristecê-lo participando-lhe nossas aflições. Tudo é caridade, seja “alegrar-se com os que se alegram, como chorar com os que choram” (Rm 12,15). O nosso caríssimo e antigo amigo, o senhor Estevão, segunda-feira, ao final do almoço, atingido por um gravíssimo ataque de apoplexia, perdeu imediatamente a fala, o movimento do lado direito e a memória. Pe. Miguel correu, mas não foi possível confessá-lo. A coisa para aquela alma parece que não teve nenhum perigo. Cada oito dias, de costume, comungava em nossa igreja. No dia anterior havia se confessado comigo, no meu quarto, e depois desceu para comungar na igreja.

E não obstante, por uma graça especial do Senhor, depois de receber a Unção dos Enfermos naquela mesma noite, lá pelas três horas, Pe. Miguel o encontrou lúcido, sem fala nem movimento, na situação de poder confessá-lo e depois dar-lhe o santo Viático, chorando todos de consolação. Sei que é inútil recomendá-lo às suas orações, porque sua caridade previne qualquer pedido. Ele o queria muito, o tinha sempre no coração, muitas nos lábios, e você conhecia o seu espírito, que tinha como sua todas as nossas satisfações, e nossas tribulações pareciam mais dele que nossas.

O seu desejo era o nosso, porque finalmente, não amava senão Cristo Nosso Senhor e Sua glória.

... “e a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,3-5). Adeus, caro Pe. Luís, amado e saudado por todos com ósculo sagrado.

De Verona no dia 1º de dezembro de 1837.

G. B.”